

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.28998/rm.2024.n.15.17048>

MURO DAS PALPITAÇÕES: UM MANIFESTO DE MÃES NA UNIVERSIDADE

Regiany Carvalho, Daniela Franco Carvalho

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6379>

Submetido em: 2023-07-12

Postado em: 2023-08-29 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

MURO DAS PALPITAÇÕES: UM MANIFESTO DE MÃES NA UNIVERSIDADE

Regiany Alves Carvalho

Programa de Pós-graduação em Educação, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0003-2326-6234>

Daniela Franco Carvalho

Programa de Pós-graduação em Educação, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0002-4476-7903>

RESUMO

Muro das palpitações é um manifesto sobre as barreiras que surgem cotidianamente na vida das mulheres no ambiente acadêmico, em decorrência da maternidade. Buscamos, com base metodológica na pesquisa narrativa, compreender suas trajetórias na universidade. A narrativa de cada uma ilustra as vivências nesse meio sendo mães, como também suas maiores dificuldades durante o percurso para que se mantivessem no curso que escolheram. O potencial dos depoimentos dessas mulheres permitiu reflexões teóricas com Leontiev e Angela Davis que culminaram na composição de uma carta manifesto, com narrativas minhas e de cada uma das Maria's.

Palavras-chave: Mães; Universidade; Manifesto; Narrativa

WALL OF PALPITATIONS: A MANIFESTO OF MOTHERS AT THE UNIVERSITY

ABSTRACT

Wall of palpitations is a manifesto in order to reflect the barriers that arise daily in the lives of women in the academic environment as a result of motherhood. With a methodological basis in narrative research, we seek to understand their trajectories in academia. The narrative of each one illustrates the experiences in this environment as mothers, as well as their greatest difficulties during the journey to remain in the course. The potential of these women's testimonies allowed reflections on the encounter between Leontiev and Angela Davis. In addition, the reports culminated in the composition of a Manifest Letter, with narratives from me and each of the Marys.

Keywords: Mothers; University; Manifesto; Strength.

Muro das Palpitações

O muro das palpitações é uma alusão às barreiras que surgem a todo momento na vida das mulheres. A palavra palpite é o substantivo masculino referente à palpitação e um de seus

significados remete à opinião e sugestão de intrometido. Assim, esse título é um manifesto contra todos os palpites que a sociedade impõe na vida de nós, mulheres, com intuito de limitar nossa liberdade e frustrar sonhos.

Ser mulher em nossa sociedade nunca foi fácil, vários fatores contribuíram e contribuem para que sejamos julgadas e moldadas a todo instante. Gerar uma vida é um momento ímpar e especial, porém, a mulher é cercada por um muro de palpitações constantes, constituído por preconceitos e ofensas disfarçadas de conselhos e bem querer. Essa modelação em relação a nós, mulheres, surge de um ideal de perfeição ditado socialmente, seja em relação aos nossos corpos, comportamento ou desejos.

A maternidade passa por um processo de padronização para ser socialmente bem aceita, requerendo um relacionamento sério, de preferência oficializado em cartório; um casal heterossexual com idades semelhantes, ou que a mulher seja mais jovem que o parceiro; mulher com idade entre os 25-35 anos por não ser muito jovem e nem com idade mais avançada; estar formada ou com uma profissão bem estabelecida ou ser casada com um companheiro que seja.

Esses requisitos não estão escritos em nenhum documento ou artigo científico, mas estão entranhados no cotidiano de todas nós: mulheres em frente a esse muro correndo o risco de ficarmos ali paradas sem tentar ultrapassá-lo.

Há quem diga que nossa sociedade evoluiu e que esse muro não existe mais e que, socialmente, tudo mudou, seja no mercado de trabalho, seja no seio familiar. Mas volta e meia acabamos nos deparando com esse muro de palpitações. A base de construção desse muro é o machismo, as estruturas metálicas que dão sustentação é o preconceito, os tijolos que dão forma e altura são a sociedade patriarcal e o que dá sua proteção e liga é o cimento representado por todo julgamento disfarçado de bons conselhos.

Mães na Universidade

Embora a temática da gravidez na adolescência seja abordada nas mídias em algumas esferas, a trajetória das mães na universidade é um assunto pouquíssimo divulgado. Com políticas públicas insuficientes, muitas mães não têm outra opção a não ser levar seus filhos para sala de aula. Além do desgaste e cansaço dessas mães, a problemática se intensifica pelo fato da sociedade não os aceitar em ambientes educacionais como as universidades.

A lei Número 6.202, de 17 de abril de 1975, atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituídos pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá os seguintes direitos:

Art. 1º A partir do oitavo mês de gestação e durante três meses, a estudante em estado de gravidez ficará assistida pelo regime de exercícios domiciliares, instituído pelo Decreto-lei número 1.044, 21 de outubro de 1969. Parágrafo único. O início e o fim do período em que é permitido o afastamento serão determinados por atestado médico a ser apresentado à direção da escola. Art. 2º Em casos excepcionais devidamente comprovados mediante atestado médico, poderá ser aumentado o período de repouso, antes e depois do parto. Parágrafo único. Em qualquer caso, é assegurado às estudantes em estado de gravidez o direito à prestação dos exames finais (BRASIL, 1975, s. p.).

Mais de quarenta anos após a promulgação dessa lei, a Portaria 248 de 11 de dezembro de 2011, da CAPES, concedeu licença Maternidade em sua regulamentação, na qual garante o direito de prorrogação da bolsa no período de quatro meses em caso de licença maternidade para bolsistas na pós-graduação, bem como nos programas de formação de professores. A CAPES, em último levantamento feito em janeiro de 2019, constatou que, do total de 201.449 bolsistas, 122.103 são mulheres.

Art. 1º Os prazos regulamentares máximos de vigência das bolsas de estudo no país e no exterior, iguais ou superiores a vinte e quatro meses, destinadas à titulação de mestres e doutores, poderão ser prorrogados por até quatro meses, se comprovado o afastamento temporário das atividades da bolsista, provocado pela ocorrência de parto durante o período de vigência da respectiva bolsa (FUNDAÇÃO CAPES, 2011, s. p.).

Outro movimento nesse sentido foi o lançamento de uma aba na plataforma do currículo Lattes que indica períodos de licença maternidade e paternidade. A novidade foi anunciada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em abril de 2019.

O pedido para a inclusão do dado partiu do movimento *Parent in Science*¹, no ano de 2017, por meio de uma carta de um grupo de mulheres pesquisadoras. O documento reivindica maior igualdade de acesso à concorrência de bolsas e financiamentos científicos no Brasil. Em um estudo realizado por esse grupo há a análise do resultado do impacto da maternidade na produção de mães da área acadêmica². A pesquisa aponta que cerca de 80% delas afirmam que ter um filho afeta negativamente suas carreiras.

¹ Pensando nas mães que aliam a carreira acadêmica com a maternidade e a necessidade de lutar pelos direitos dessas mulheres, nasceu o projeto "Parent in Science", uma iniciativa da pesquisadora Fernanda Staniscuaski, do Rio Grande do Sul. A luta do movimento é fortalecer os direitos das mulheres e evitar comparações com homens, que conseguem produzir mais.

² MELLO-CARPES, P. B. Mães pesquisadoras discutem dificuldades de conciliar maternidade e carreira científica. 2018. (Programa de rádio ou TV/Entrevista). Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/11/13/cientistas-mulheres-pedem-inclusao-de-periodo-de-licenca-maternidade-no-curriculo-lattes.ghtml>. Acesso em: 24 mar. 2022.

O ingresso e permanência na universidade após o nascimento dos filhos gera à mulher diversas situações constrangedoras que dificultam sua participação em eventos, congressos científicos ou até assistir aulas, podendo, conseqüentemente, trazer impedimentos para a conclusão do curso.

A cena de acolhimento de um professor da Universidade Federal de Uberlândia com a filha de uma aluna demonstra como é raro ter um profissional compreensivo e afetuoso com as necessidades rotineiras de uma mãe que necessita levar sua filha para assistir às aulas. A foto publicada no *instagram*³ teve diversas curtidas e comentários de admiração, o que nos faz refletir como essa atitude é escassa no meio acadêmico. O fato é que não existe espaço cedido com uma estrutura de apoio pelas universidades, juntamente com o agravante de não aceitação para que se leve a criança para a sala de aula. Qual é o espaço das mães na universidade?

Tauane Paula Gehm, psicóloga, mestre e doutora pela Universidade de São Paulo (USP), teve a iniciativa, junto ao grupo Cajuína⁴, de elaborar uma carta aberta à comunidade científica, com pedido para que os congressos incluam também profissionais que são mães e seus bebês. Esse manifesto surgiu no ano de 2019, após a pesquisadora não poder se inscrever em um encontro de psicologia que, mesmo tendo temática feminista, negou a possibilidade dela levar o seu filho pequeno.

A carta⁵ aborda temas culturais relacionados à maternidade no que tange a como essas mães são recepcionadas no meio científico e acadêmico, e como isso interfere negativamente em suas vidas profissionais.

Nós queremos dar a nossa contribuição sobre um aspecto que nos é muito caro: a maternidade – mais especificamente, a participação de mães em congressos e eventos científicos. É difícil explicar, entender e pensar o que mães precisam para serem incluídas em situações como os congressos. E, sendo mães é difícil termos tempo até de contar para os outros quais são as nossas necessidades, mas precisamos falar! Nesta carta, apresentaremos algumas demandas que, mesmo simples diante da complexidade de se organizar um congresso, servem para que essas necessidades sejam satisfeitas e, assim, mães possam se sentir acolhidas novamente na comunidade.

O fator de julgamento é citado na carta, visto que a não aceitação de crianças em um evento científico está automaticamente excluindo mães que, por algum motivo, não podem deixar seus

³ Registro feito pela mãe Thamires Reis do acolhimento de um professor da Universidade Federal de Uberlândia com sua filha, divulgado no Instagram em: <https://www.instagram.com/p/ByJg0DvlcpK/?igshid=emyc0jnt4o5e>. Acesso em: 24 mar. 2022.

⁴ Grupo de psicólogos especializados em análise comportamentais que, após a chegada de seus filhos e seus Membros se sentirem excluídos, juntos, criaram uma rede de apoio. Mulheres que são mães, outras não, unidas pela ciência, criaram o Observatório Cajuína- Mulheres, ciência e comportamento.

⁵ Carta Disponível em: <http://tiny.cc/m2ckgz>. Acesso em: 24 mar. 2022.

filhos seja por demanda da amamentação ou ausência de rede de apoio, bem como crianças que não conseguem ficar com outras pessoas por muito tempo.

O documento também solicita estruturas mínimas, como: aceitação de bebês e crianças em sala de aula; sala para ordenha e amamentação de preferência frequentado apenas por mulheres; livre acesso aos locais do evento, sem custo adicional, para um(a) acompanhante que seja da família do bebê ou funcionário(a) da família; garantia de livre amamentação em todos os locais do evento; diretrizes claras antes do evento de qual será a estrutura disponível.

Esse enfrentamento pela causa das mães, que se desperta em diferentes universidades e grupos de pesquisa, demonstra a luta por direitos das mulheres que sofrem diariamente situações de constrangimento e preconceito. A luta vai além de leis e estruturas físicas, vem de um viés de respeito e aceitação a esses espaços que, apesar de serem frequentados por um número significativo de mulheres, perpassam por tantas palpitações.

A pesquisa

Nessa pesquisa, buscamos compreender, a partir das narrativas de alunas universitárias que são mães, a trajetória no meio acadêmico. Escolhemos a pesquisa narrativa como base metodológica.

Para Clandinin e Connelly (2011, p. 49), “experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa”. O conceito de experiência, de John Dewey, utilizado por esses autores, é considerado o arcabouço da investigação narrativa marcada pela tridimensionalidade entre situação, continuidade e interação da história vivida (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 84).

“Uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 18).

Considera-se situação a paisagem de pesquisa ou a noção de lugar onde a experiência ocorre, ocorreu ou ocorrerá. Essa temporalidade é o conceito da continuidade enquanto interação, são fatores pessoais e sociais que a experiência apresenta (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 85). Para esses autores,

Utilizando esse conjunto de termos, qualquer investigação em particular é definida por esse espaço tridimensional: os estudos têm dimensões que abordam assuntos temporais; focam no pessoal e no social em um balanço adequado para a investigação; e ocorrem em lugares específicos ou sequências de lugares. (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 85)

Experienciar o entremeio dessa tridimensionalidade prospectiva e retrospectivamente no tempo, e introspectiva e extrospectiva mente em si mesmo, permite ao pesquisador se posicionar no centro do campo de pesquisa; e reconhecer essa centralidade de quem compõe narrativas próprias, introdutórias e as leva a campo, é central para a pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

Como fazer, pode ser considerado mais relevante no contexto da pesquisa narrativa do que o próprio conceito do método. Clandinin e Connelly (2011) apresentam o capítulo “O que fazem os pesquisadores narrativos”, da sua obra tantas vezes aqui referenciada para reflexões, quanto a essas questões, e apontam que eles [os pesquisadores narrativos] delineiam possíveis encontros e ligações entre as tantas e multifacetadas narrativas presentes no campo de pesquisa. Para estes autores,

A pesquisa narrativa, desse ponto de vista, é uma tentativa de fazer sentido da vida como vivida. Para começar, ela tenta descobrir aquilo que é tomado por certo. E quando esses aspectos também começam a ser tomados por certos pelo pesquisador, então o pesquisador pode começar a participar e ver as coisas que funcionaram, por exemplo, na enfermaria do hospital, na sala de aula, na organização (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 116).

Para tanto, o pesquisador narrativo registra ações e afazeres, além de simples acontecimentos e outras expressões narrativas, e “isso é o objeto da pesquisa narrativa para o pesquisador preocupado com o distanciamento e a intimidade na pesquisa” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 117). Ou seja, o trajeto da pesquisa narrativa está na vivência de diversas experiências de uma paisagem, que proporcionam um processo reflexivo de aprendizagem baseado em recolher tais expressões narrativas em forma de textos de campo e recontá-las em uma pesquisa.

Por isso, trabalhar com narrativas na pesquisa exige uma relação dialógica de dupla descoberta entre pesquisador e objeto de estudo, na mesma proporção que existe uma relação dialética entre narrativa e experiência (CUNHA, 1997), sendo que, a partir da sensibilização dessa dialética, criam-se textos de campo.

Os textos de campo são como “representações construídas da experiência” o que, em um contexto de pesquisa narrativa, assume a fluidez de uma arqueologia da memória e do significado (CLANDININ; CONNELLY, 2011) . Para os mesmos autores, o processo de compor textos de campo é interpretativo e seletivo, uma vez que estes são a “nossa forma de falar sobre o que é considerado como dados na pesquisa narrativa” (CLANDININ;

CONNELLY, 2011, p. 134). Considerando a interpretação e seletividade para criação de textos de campos, coloca-se:

É importante que os pesquisadores narrativos encaminhem essas questões sobre como seus textos de campo estão posicionados, porque suas posições têm consequências para o *status* epistemológico dos textos e, finalmente, os textos de pesquisa que derivam deles (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 161).

Essas composições podem ser derivadas de inúmeros tipos de artefatos pessoais, familiares ou sociais do objeto de pesquisa e, por isso, os autores Clandinin e Connelly (2011, p. 160) aconselham pesquisadores narrativos a “estarem abertos para as possibilidades imaginativas para compor textos de campo”.

Clandinin e Connelly (2011, p. 158) também falam sobre “as outras coisas que se encontram no meio de outras”, as quais chamam caixas de memórias, coleções de itens que acionam memórias de momentos importantes.

“São esses artefatos, coletados em nossas vidas, que fornecem uma fonte rica de memórias. Observar esses documentos em um contexto de pesquisa narrativa constitui algo que se pode chamar de uma arqueologia da memória e do significado.” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 158).

Pela minha vivência na universidade, tive contato com jovens mulheres que ingressaram nessa mesma universidade e em outra universidade pública, já sendo mães ou que vieram a ser durante a graduação ou pós-graduação. Elas foram notificadas pelas redes sociais sobre a pesquisa e se disponibilizaram a enviar relatos sobre a trajetória acadêmica vivida. Alguns questionamentos foram colocados como sugestão para a configuração da narrativa de cada uma, dentre eles:

Como foi sua trajetória escolar/ acadêmica sendo mãe?

Quais foram suas maiores dificuldades durante o percurso para se manter no curso?

Você tinha conhecimento de todas as leis sobre a maternidade que a Escola/Universidade tinha em seus regimentos para te auxiliar?

Sofreu/Sofre algum preconceito ou discriminação por ser mãe por parte de professores ou colegas de curso?

Como conseguiu superar tudo e permanecer na universidade, apesar de todas as dificuldades?

De onde vem essa força, essa garra e gana?

As narrativas de cada uma das Marias compõem um manifesto na qual as suas falas estão destacadas.

Manifesto Mães na Universidade

Estamos em todos os lugares mas os olhares que nos cercam, muitas vezes, travam nossos sorrisos, dificultam nossa caminhada e emparedam nossa visão.

Você tem um futuro brilhante pela frente, essa gravidez vai te atrapalhar, te aconselho a abortar!
Em relação ao preconceito, me lembro de um episódio que um professor, ao voltar de uma greve, disse que eu aproveitei para arrumar um bebê.
Agora que vai ser mãe, você vai parar de estudar?

Não caminhamos mais sozinhas, não pensamos no singular, pois nossos corações e responsabilidades se multiplicaram. Nossa batalha é diária e composta por um peso dobrado em comparação aos demais. Esse peso não são nossos filhos, mas sim alguns tijolos que tentam cercar nosso progresso. Queremos respeito, dignidade, acessibilidade, a nossa entrada e permanência garantidas na universidade.

Mas a verdade é que o preconceito está tanto nos professores, quanto nos colegas de turma. Tenho a sensação de que essas pessoas nos enxergam como coitadas que nunca terão a capacidade de seguir a carreira acadêmica ou serem professoras de uma universidade, por exemplo. Sinto que temos que provar, a todo o momento, que somos capazes.
Um bebezinho para cuidar é muito puxado, tinha que acordar muito cedo para deixá-lo na casa de algum parente, até que chegasse à idade de ir para creche.
Não existe apoio nenhum para quem é mãe dentro da Universidade. Sinto que é um espaço que não é para as mães. Até entre as mulheres mães professoras e alunas, eu sinto um afastamento. Como se a aluna mãe fosse menos capaz.

Esses tijolos que nos são lançados disfarçados de bons conselhos são, na verdade, preconceitos e palpites que a todo momento tentam nos limitar e ousam até nos dizer onde podemos ir, como podemos e até quando. Uma culpa nos é imposta a todo o instante. Sim, somos culpadas por lutar por nosso espaço e por enfrentar nossos medos, mas se desistirmos dessa batalha, também seremos culpadas. Nossa culpabilidade é constante e incessável, pois é fruto de sementes cultivadas e semeadas há muito tempo. Está enraizada em nossa sociedade e não será tão fácil deixar morrer.

Quando eu voltei para a faculdade, me sentia muito mal com alguns comentários de alguns colegas me criticando por ter engravidado antes de formar, me dizendo que eu não conseguiria concluir o curso, pois, com filho, tudo se torna mais difícil.
Nossa, como consegue deixar seu filho pequeno para estudar?
Escutei muitos comentários desagradáveis sobre o meu corpo.

Mas percebemos que não podemos parar e muito menos nos calarmos, nossas vozes ecoam e os respondem a cada tijolo lançado, as respostas em forma de resistência estão espalhadas em toda universidade, mesmo não tendo estrutura para nos receber, mesmo que nossos filhos não

caibam em vossas salas de aula, mesmo que olhares aborrecidos nos cerquem a cada choro ou brincadeira de criança. Resistimos!!! Queremos que nossos direitos já conquistados sejam respeitados e garantidos, para que novas possibilidades possam vir, como a instalação de estruturas físicas: banheiros com trocadores, sala de descanso /amamentação e espaço *kids*.

A universidade não apresenta nenhuma estrutura para acolher crianças, banheiros sem trocadores, Não Existe uma sala em que você possa esquentar uma mamadeira, descansar com seu filho, que seja por meia hora. Infelizmente, não tinha nenhuma ajuda de quem pudesse ficar com meu filho, e tinha que submetê-lo àquele ambiente frio e cansativo.

Na Pós- graduação, não foi diferente, pois percebia muito olhares incomodados em relação a mim, pois tinha que levar meu filho, na época, com 2 anos de idade. Após o parto, os professores ficaram meio “assim” e eu consegui fazer algumas provas na minha casa, pois sabia de alguns direitos sim sobre a maternidade, mas não são todos os professores que estão a fim, sabe?!

Nossa força vem de não nos deixarmos vencer pelas dores diárias que nos afetam e, assim, resistimos, engolimos o choro e buscamos a superação, mesmo que com as dores que dilaceram nossa alma. Ao mesmo tempo em que somos alvos destacados, somos também esquecidas e ignoradas e, a todo o momento, nos deixam claro que nosso lugar não é aqui. Caros professores, servidores e colegas, cessem comentários negativos e desnecessários, substitua-os por ajuda, empatia e respeito!

Na época, com a cabeça transtornada, nem pensei em entrar com licença maternidade na universidade. Na verdade, eu nem sabia que existia essa possibilidade para me auxiliar. Mas eu considero que é extremamente desgastante essa necessidade de termos que provar sempre o nosso valor.

Nosso lugar é aqui onde desejamos estar e pagamos o preço diariamente, mesmo que muito alto, porque nossos sonhos não têm limites e nem valor acessível à régua que vocês nos medem. Nossos sonhos e lutas são plurais. Nossa força cresce junto com nossos filhos.

Com todas as dificuldades, levantei a cabeça e consegui me formar, e quem mais me dava forças para seguir em frente era meu filho. Todas as vezes que eu olhava para ele, eu pensava que todo meu esforço valeria a pena para que eu pudesse dar o melhor para ele. Consegui terminar minha graduação com louvor, minha dissertação teve nota noventa e oito. Mas foi também o que me deu força para não desistir para tentar dar um futuro melhor ao meu filho. O que me motivou terminar o curso foi muita força de vontade mesmo, pois ajuda na faculdade não tive, agradeço muito minha família que ficava com minha filha, para que eu frequentasse as aulas.

Com esse manifesto, queremos mudanças estruturais e ideológicas com respeito à nossa jornada universitária, a fim de que nossos sonhos não sejam minados com preconceito e

atitudes egoístas. Não queremos facilidade em nossa formação, mas sim acessibilidade e garantia de direitos que nos amparem.

A força das Marias ⁶

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta
Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida [...]
(Maria, Maria - Milton Nascimento)

A letra da música “Maria Maria” de Milton Nascimento, traz com muita emoção, a força das Marias que enfrentam cotidianamente diversos desafios e vivem a transbordar a felicidade e força de vencer em meio a tantas dores e dificuldades. Composta há 40 anos, ganhou, pela primeira vez, um clipe, no qual Milton fala de sua origem:

⁶ Diálogo com a literatura pautada em Lentioev e Angela Davis para compor a dimensão dessa força transformadora presente na narrativa das alunas mães.

A história da Maria quem me contou foi o Fernando Brant. Milton Nascimento ficou com isso na cabeça, depois que ele descreveu a Maria que ele conheceu. Ela morava na beira dos trilhos, em Minas Gerais, criava seus filhos sozinha e passava muita dificuldade. E mesmo com tanto sacrifício, ela fazia de tudo para manter os filhos na escola. Ela era um exemplo, uma aula mesmo, sabe? Uma aula de vida. E foi isso que inspirou a gente.

Figura 1 - Imagem do clipe “Maria Maria”, composto em parceria com Fernando Brant⁷



Fonte: Milton Nascimento (2018). <https://www.youtube.com/watch?v=r1bBD4f3MTc>

A letra da música vem ao encontro da luta das Marias nas universidades, que, mesmo com tantos obstáculos, insistem em conquistar seus espaços, lutam, resistem, superam e vencem. Mas de onde vem essa garra? Essa gana? Onde buscam essa resiliência em superar as adversidades?

Leontiev (1978, pag.63) nos explica que o sujeito, ao se apropriar do objeto, em sua atividade, transforma suas necessidades em motivos. A necessidade é apenas uma tendência, contudo, ocorrendo seu encontro (ligação) com o objeto, a necessidade é objetivada, transformando-se em motivo da atividade. O motivo, nesse caso, tem por finalidade impulsionar as ações do indivíduo, que se conectam entre si por um mesmo motivo, compondo, desse modo, em seu conjunto articulado, a atividade do sujeito voltada à realização de seu motivo.

Nesse encontro com Leontiev podemos imaginar que essas mulheres quando se conscientizam que suas ações, como a de investir em um curso superior, serão convertidas em consequências no seu mundo interior, revelam os seus próprios motivos como superação de

⁷ A imagem representa a força e a beleza das mulheres.

força para se elevarem a outro patamar, superando, dessa maneira, todos os obstáculos exteriores.

Enquanto há uma vinculação, pelas sensações externas, entre os significados e a realidade do mundo objetivo, o sentido pessoal, por sua vez, vincula o significado com a realidade da própria vida do sujeito, ou seja, com os seus motivos. Sendo assim, o sentido pessoal é o elemento psicológico responsável pela parcialidade da consciência humana, muito mais íntimo e ligado às inclinações, tendências e manifestação do ser humano junto à realidade (CALVE; ROSSLER; SILVA, 2015, p. 240).

Assim, os motivos que essas mães encontram para superar o muro de palpitações são suas próprias necessidades de melhorar as condições em que se encontram e prover seus filhos com dignidade, com uma força feroz que muro algum é suficiente como obstáculo para alcançarem suas motivações principais. É a força para derrubar o muro, é a garra para não serem jogadas no chão, é uma força estranha de enxergarem além dos concretos moldados pela sociedade patriarcal.

A marca no corpo dessas Marias são seus filhos, que por existirem mobilizam diversos julgamentos e tentativas de limitar seus direitos, como se a maternidade fosse um fator que as desqualificasse ou até mesmo um atestado de incompetência. Uma culpa que mina suas caminhadas com diversas explosões de ódio, preconceito e exclusão. Barreiras invisíveis a olho nu, que só enxerga quem sente na pele.

O grau mais elevado de hierarquização dos motivos se expressa quando o indivíduo pode comparar suas ações com o motivo-fim de sua atividade, ou seja, quando tem consciência do motivo que lhe orienta, motivo este eficaz e gerador de sentido pessoal, revelando uma forma mais autônoma e estável de agir sobre o mundo (CALVE; ROSSLER; SILVA, 2015, p. 246).

Esse agir intenso no mundo, que essas mulheres mães adquirem para se manterem nas universidades, vem ao encontro de uma resiliência muito marcante, de fazer de situações desmotivadoras um sentido pessoal de força e persistência. Várias Marias foram além de uma superação no campo pessoal e criaram grupos e discussões para garantirem direito e dignidade a outras mães que passam ou vieram a passar pela mesma situação.

Assim, pensando nessas lutas coletivas pelas quais as mulheres mães perpassam diariamente em busca de uma formação universitária, nossas discussões vêm em encontro do pensamento de luta da autora Ângela Davis⁸, que defende a liberdade em todo o mundo.

⁸ Angela Davis é filósofa, professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia e ícone da luta pelos direitos civis. Integrou o Partido Comunista dos Estados Unidos, tendo sido candidata a

A luta é inspirada pela solidariedade do coletivo e nos adverte sobre o cuidado que devemos ter para não buscar a “representação da história como o trabalho de indivíduos heroicos”, e sim o reconhecimento das pessoas como “parte de uma comunidade de luta sempre em expansão”, crendo, pois, no coletivo como um “agente potencial” de mudança (DAVIS, 2018, p. 3).

Então, o poder que esses grupos exercem na realidade das mães universitárias é imensurável, visto que muitas desconhecem seus direitos ou até se sentem intimidadas em reivindicá-los, de uma maneira que essas mulheres reconheçam hoje sua potencial agência como parte de uma comunidade de luta sempre em expansão. E como a autora ressalta em seu livro, *A liberdade é uma luta constante*⁹, que é nas coletividades que encontramos provisões de esperança e de otimismo.

A luta é interminável eu diria que, à medida que amadurecem, nossas lutas produzem novas ideias, novas questões e novos campos nos quais nos engajamos na busca pela liberdade. Como Nelson Mandela, devemos ter disposição para abraçar uma longa jornada rumo à liberdade (DAVIS, 2018, p. 27).

A luta por liberdade não se delimita nas prisões físicas, mas também nas lutas diárias que buscam romper barreiras impostas socialmente que tentam limitar e aprisionar as mulheres e intimidar toda coragem e luta a fim de coibir a liberdade feminina.

A busca das Marias por seus direitos e permanência na universidade está sendo semeada discutida neste trabalho, mas com um potencial otimista, em que as narrativas de cada mãe deixam evidente a satisfação de contribuir com uma pesquisa que traga suas realidades em discussão.

O otimismo em lutar por uma causa de uma minoria traz uma significação de resistência, ao procurar aliados de luta, em que o apoio mútuo pode se transformar em grupos e potencialidades de mudanças.

vice-presidente da República em 1980 e 1984. Próxima ao grupo Panteras Negras, foi presa na década de 1970 e ficou mundialmente conhecida pela mobilização da campanha “Libertem Angela Davis”. Autora de vários livros, sua obra é marcada por um pensamento que visa romper com as assimetrias sociais.

⁹ O lançamento desta obra de Angela Davis no Brasil, “A liberdade é uma luta Constante”, além de permitir ao público leitor acompanhar a saga dessa conhecida ativista contra as diversas formas de submissão humana, tem um significado especial neste momento tão crítico da sociedade brasileira. Vários grupos de movimentos sociais têm vivido certo sentimento de desesperança e impotência ao avaliar os resultados de lutas e demandas colocadas pela sociedade civil há anos. Constata-se uma ausência de ações coletivas que efetivamente embarguem as decisões tomadas no âmbito do poder político que nos últimos anos vêm afrontando o povo. A militância brasileira, tão ativa em diversos espaços de luta – das associações de moradores aos partidos políticos –, tem assistido, perplexa, às perdas de várias conquistas no âmbito das políticas públicas, na área da educação, da cultura, da saúde e outras.

Não acho que tenhamos alternativa além de permanecer otimistas. O otimismo é uma necessidade absoluta, mesmo que seja apenas um otimismo da vontade, como disse Gramsci, e um pessimismo da razão. O que tem me mantido atuante é o desenvolvimento de novas formas de comunidade. Não sei se eu teria sobrevivido caso os movimentos não tivessem sobrevivido, caso as comunidades de resistência, as comunidades de luta não tivessem sobrevivido (DAVIS, 2018, p. 56).

Precisamos expandir os laços dessas reivindicações para além do público feminino, pois para cada mulher mãe e universitária existem figuras masculinas que presenciam essa luta: são pais, maridos, irmãos, professores, enfim, um amplo masculino que pode abraçar essa diligência.

Não falo apenas às mulheres na plateia, porque acho que o feminismo fornece orientação metodológica para todas as pessoas comprometidas com a pesquisa e o trabalho de mobilização ativista sério. As abordagens feministas nos encorajam a desenvolver compreensões sobre as relações sociais, cujas conexões costumam ser inicialmente apenas intuídas (DAVIS, 2018, p. 126).

O feminismo¹⁰ incide em métodos de pensamento e de ação que nos encorajam a uma reflexão que une elementos que parecem ser separados e que desagrega coisas que parecem estar naturalmente unidas. Pensando nesse universo referente à maternidade, diversas situações da vida cotidiana da mulher mãe lhe agrega uma fragilidade preconceituosa e excludente, que acaba se tornando comum socialmente.

O ideal de uma dedicação exclusiva à maternidade imposta culturalmente por uma sociedade machista tenta delimitar um espaço da mulher mãe, como se essa condição desqualificasse a capacidade intelectual da mulher.

Não existe nem mesmo uma tal situação “ser” mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis. A consciência de classe, de raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado (TADEU, 2000, p. 48).

Portanto, nessa perspectiva, a luta feminina vem contra diversos discursos em relação à maternidade, oriundos de uma constante busca por um ideal feminino romantizado, em que a busca de crescimento profissional é incompatível com a figura imaginária criada socialmente para a mulher mãe.

Muro em desconstrução

¹⁰ Angela Davis defende um feminismo que envolve muito mais do que a igualdade de gênero e muito mais do que o gênero. De acordo com a autora, o feminismo deve envolver a consciência em relação ao capitalismo – quer dizer, o feminismo a que ela se associa. E há múltiplos feminismos, ele deve envolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo, às pós-colonialidades, às capacidades físicas, a mais gêneros do que jamais imaginamos, a mais sexualidades do que pensamos poder nomear.

Assim, após dedicação a temática sobre maternidade compreendi o real sentido do que vem a ser uma pesquisa. Descobri que uma temática que antes, a meu ver, só tinha relevância no âmbito pessoal, vai ao encontro de problemáticas sociais. Minha história de vida se cruza com histórias de outras mulheres.

Quando iniciei minha pesquisa com mães universitárias, percebi que não estava sozinha em minhas dores e angústias. A cada relato, revivi momentos, regurgitei sentimentos e tive a oportunidade de entender cada situação, como uma telespectadora que conhece o outro lado, o lado real da dor, coragem e medo ao mesmo tempo, demonstrando como as problemáticas de nossas vidas cotidianas podem ser compartilhadas e servir de motivação e informação a mulheres que estão vivenciando, nesse exato momento, esse processo.

O muro está diferente, sua estrutura está fragilizada. Se antes era rígido e impermeável, hoje, está se transformando. Do outro lado, avista-se uma luz entre as brechas, brechas que foram se fazendo a cada voz, a cada desabafo, a cada resistência. A desconstrução do muro está em processo contínuo, na velocidade dos sonhos das Marias que remodelam sua estrutura.

Com a ousadia de pensar no coletivo e com o sonho de trazer reflexões e mudanças, bem como a criação de novas leis que amparem as mulheres mães na Universidade, esse trajeto está apenas se iniciando e, mesmo que tão pequeno em relação à imensidão do descaso, ousa a pensar na desconstrução desse muro e na conquista de direitos de diversas Marias que lutam por espaço, pela vida.

Referências

BRASIL. **Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975**. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1975. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/16202.htm. Acesso em: 24 mar. 2022.

CALVE, Tiago Morales; ROSSLER, João Henrique; SILVA, Graziela Lucchesi Rosa da. A aprendizagem escolar e o sentido pessoal na Psicologia de A. N. Leontiev. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 435-444, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193852>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300435&lang=pt. Acesso em: 15 nov. 2019.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry**: experience and story in qualitative research. Tradução de Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, p. 185-195, jan. 1997. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rfe/a/ZjJLFw9jhWp6WNhZcgQpwJn/?lang=pt#>. Acesso em: 23 mar. 2022.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. 1. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

FUNDAÇÃO CAPES. Mulheres representam 60% dos bolsistas da CAPES. **Fundação CAPES**, Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/36-noticias/9375-mulheres-representam-60-dos-bolsistas-da-capes>. Acesso em: 16 ago. 2019.

FUNDAÇÃO CAPES. **Portaria nº 248, de 19 de dezembro de 2011**. Brasília, DF: Fundação CAPES, 2011.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. Las necesidades y los motivos de la actividad. *In*: SMIRNOV, A. *et al.* **Psicologia**. México: Grijalbo, 1969. p. 341-354.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. *In*: VIGOTSKI, Lev Semionovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich (Orgs.). **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998. p. 59-83.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. 1978.

LOSCHI, Marília; SOARES, Bárbara Cobo. ODS 5: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. **Agência IBGE Notícias**, Rio de Janeiro, 26 jul. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/17064-ods-5-alcancar-a-igualdade-de-genero-e-empoderar-todas-as-mulheres-e-meninas>. Acesso em: 20 nov. 2019.

LUNETAS. Conheça o Parent in Science, que luta pelo direito de pesquisadoras que se tornaram mães. **Lunetas**, São Paulo, 13 nov. 2018. Disponível em: <https://lunetas.com.br/parent-in-science/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

MILTON Nascimento - Maria, Maria (Acústico). [S. l.]: Equipe Universal Music, 2018. 1 vídeo (5 min 48 seg). Publicado pelo canal Milton Nascimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1bBD4f3MTc>. Acesso em: 24 mar. 2022.

ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). Seminário na Câmara dos Deputados discute gravidez não intencional na adolescência. **ONU**, Brasília, 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/>. Acesso em: 19 nov. 2019.

ONU MULHERES (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). Gravidez na Adolescência. **ONU Mulheres**, Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

PROMUNDO. Jovens e Equidade. **Promundo**, Brasília, 2019. Disponível em: <https://promundo.org.br/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos *et al.* **Gravidez na Adolescência no Brasil: Vozes de Meninas e de Especialistas**. 1. ed. Brasília: INDICA, 2017.

TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora Ltda, 2000.

Declaração de contribuição dos autores

As autoras declaram suas colaborações com a pesquisa

AUTORA: Regiany Alves Carvalho : Conceituação; Cuidadoria de dados; Análise formal; Investigação; Metodologia

AUTORA: Daniela Franco Carvalho: Supervisão; Visualização.

Declaração de conflito de interesse

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa

- O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está disponível ao público.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.